

Editando um ensaio de Mário de Andrade

Muito interessantes são as descobertas de artigos de Mário de Andrade publicados em periódicos, após a morte dele em fevereiro de 1945, textos que não estão no acervo do escritor, cujos documentos vão até essa data. Só o olho vivo do pesquisador os pode flagrar ao longo de suas andanças em bibliotecas e sebos. Assim aconteceu com “Cícero Dias e as danças do Nordeste” na revista *Arquivos*, achado de Augusto Massi. Agora se pode reconstruir a história desse importante estudo, ligando-o ao material que lhe concerne, já classificado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

■

Em 9 de outubro de 1944, Ascenso Ferreira, o poeta pernambucano de Catimbó, escrevia a Mário de Andrade, transmitindo-lhe um convite de Manuel de Souza Barros, diretor da revista *Arquivos*, de Recife. Queriam encomendar a ele um estudo sobre danças populares do Nordeste, a partir de desenhos de Cícero Dias encontrados no Rio de Janeiro. Depois, dia 13, era o próprio Souza Barros, pela Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo de Pernambuco, quem reafirmava o pedido, remetendo as fotos das aquarelas e sinalizando a possibilidade das obras serem vistas em mãos do Sr. Barros de Carvalho, na “rua da Rumânia, 20, Laranjeiras” Mário responde prontamente, em 19 desse mês: “Está claro que tenho muito prazer em colaborar nos *Arquivos* e aceito a sua encomenda, muito embora eu não seja muito esperto em coreografias. Farei o que puder” E, em apuros para distinguir nas “figuras dos desenhos” o frevo e o maracatu, pede ajuda para identificá-las, indagando ainda sobre a feição musical do frevo em sua origem. O diálogo epistolar prossegue quando, em 7 de novembro, Souza Barros encaminha “As garatujas do Augustinho” artigo de Valdemar de Oliveira, recorte do *Jornal do Commercio*, do Recife, de 19 de julho de 1942. Na carta, fornece informações sobre o frevo antigo obtidas do “folião” Campineiro, sugerindo ao crítico, no caso das fotos, conversar com o pintor Lula Cardoso Ayres que logo chegaria a São Paulo e iria bater na Lopes Chaves, 546.

O ensaio fica pronto em 22 de novembro: “Você me desculpe aí se o que vai aqui para os *Arquivos* não saiu do seu gosto. Do meu não saiu e fiquei meio desesperado. Cheguei, depois de ajuntar minhas notas e ler, a principiar uma carta lhe dizendo que desistia de colaborar nesta vez. Depois me angustiou mais ainda o fato de você estar esperando por mim, insisti e saiu isso”¹ Nesse

¹ SOUZA BARROS, Manuel de. “Três cartas de Mário de Andrade” In: *Um movimento de renovação cultural*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1975, p. 99.

curto espaço de tempo dedicado à redação do ensaio “Cícero Dias e as danças do Nordeste” Mário certamente mergulhou nas lembranças de sua própria viagem a Recife, em 1929, e em suas notas de pesquisas destinadas ao estudo alentado sobre as danças dramáticas nordestinas, *Na pancada do ganzá*, bem como ao *Dicionário musical brasileiro*. Restou desse trabalho intensivo e apaixonado um pequeno dossiê que faz parte do arquivo do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

O manuscrito denominado “Cícero Dias e a coreografia nordestina” conforme a indicação original na capa de cartolina que o conserva, congrega os documentos que se ligam ao processo de trabalho, à criação do ensaio. Aí permanece o esboço de um pequeno roteiro, encimado pelo título “Danças e baillados” Estão também o recorte de um artigo de Mário sobre o frevo no carnaval carioca, “Coreografias” divulgado no *Estado de S. Paulo*, em 5 de março de 1939, e o texto de Valdemar de Oliveira. O manuscrito guarda ainda cinco das reproduções, fotos em preto e branco (11,2 x 8,0 cm), das aquarelas, ou “aguarelas” no dizer de Mário. As outras quinze, foram parar entre as fotografias no arquivo. A capa preserva igualmente a carta de Ascenso, as de Souza Barros e cópia da resposta do ensaísta convidado, historiando os passos da elaboração do ensaio, o qual, por fim, se mostra naquela que talvez tenha sido a sua primeira versão. Trata-se de um datiloscrito de 17 folhas (papel creme, 32,3 x 22,1 cm), exibindo muitas rasuras de Mário, a tinta preta, para reformular trechos através de acréscimos, substituições, supressões etc. Essa versão serviu de base para o texto remetido ao Recife e somente em 1947 estampado em *Arquivos* (ano 3, nº 5/6, jul.). O manuscrito recebeu organização arquivística e genética no projeto *Mário de Andrade na crítica de artes plásticas, literatura e música através de seu arquivo* (CNPq), coordenado pela professora Telê Ancona Lopez.

O ensaio “Cícero Dias e as danças do Nordeste” aqui apresentado, desejando o texto fidedigno, resultou do confronto entre a versão publicada no Recife e o manuscrito existente no Arquivo de Mário de Andrade, levando em conta a intenção da revista que, em nota de rodapé, afirma ter mantido “religiosamente a grafia do A. Todavia, não se pode esquecer a existência, entre a versão guardada no IEB e o texto divulgado em *Arquivos*, de um outro manuscrito com possíveis emendas do escritor. Essa ausência impede a verificação de algumas diferenças notadas entre os textos. Em face disso, cada caso precisou ser pensado em função da coerência do ensaio e da escrita peculiar de Mário de Andrade. Esse cotejo nos permitiu corrigir alguns deslizes da revista recifense, como por exemplo, a troca de sentido ocorrida no trecho “A constância de certas rosas muito pálidas, o contágio de certos verdes (...)” que o manuscrito restitui como:

“certos rosas muitos pálidos” Em outro local da versão publicada, a palavra “semostração” foi erroneamente trocada por “demonstração” etc. O manuscrito também logrou recompor algumas orações truncadas. Assim, por exemplo, pôde acrescentar o pronome “ele” tornando mais claro o trecho “O *Fatum* preside à anedótica do sonho, ao passo que *ele* não existe absolutamente na anedótica de Cícero Dias” Em outros casos, já que persiste a dúvida sobre as modificações (emendas) no manuscrito remetido a Souza Barros, acatamos o texto impresso, onde a idéia se encontra melhor expressa (ex: texto impresso: “sujeita às deficiências, lentidões e aos enganos”; no manuscrito não aparece “aos”). A atualização ortográfica e a normatização bibliográfica nortearam nossa transcrição do texto.

Não é possível, atualmente, manter todas as idiosincrasias lingüísticas de Mário de Andrade, uma vez que muitas das formas usadas por ele não conseguiram a aceitação por parte da norma culta. Elas vigoram, entretanto, em edições que respeitam certos vínculos com projetos literários, como no caso dos *Contos de Belazarte* e de *Macunaíma*, em que a oralidade importa particularmente. Por esta razão, conduzimos até a norma corrente as formas “si” “sinão” “siquer” “ólio”. e os elementos prefixados (ex: de “semierudito” para “semi-erudito”). Mantivemos o “pra” nas poucas vezes em que foi utilizado. Resolvemos a flutuação encontrada entre “pra” no manuscrito, e “para” na publicação, optando pela última forma, pois ostensivamente (e curiosamente) Mário se afastava, neste ensaio, do uso da variante coloquial. “Aquarela” entretanto, preferimos manter, como o resultado de um abasileiramento intencional da palavra aquarela proveniente do *acquarello* italiano, com raízes latinas. Respeitamos “Luís Aragon” significativo para aquele que já escrevera em outro estudo João Sebastião Bach e costumava grafar Osvaldo, ao se referir a Oswald de Andrade. Normatizamos o uso de minúscula para as referências às danças (frevo, maracatu, cabocolinho...). Acatamos as correções de erros de regência (sem valor literário) fixados no texto da revista. No manuscrito podia-se ler: “a gente fica querendo bem os calungas”; “imaginar numa coisa” etc. No trecho “Como colaboração da música, o samba carioca já está muito mais brasileiroamente evoluído e caracterizado que o frevo” aventamos a possibilidade da palavra “colaboração” ser lida como “elaboração” Essa hipótese é plausível já que “elaboração” ao invés de caracterizar uma aproximação, visa principalmente diferenciar o samba como “mais evoluído e caracterizado” do que o frevo.

A pontuação peculiar de Mário de Andrade foi respeitada; corrigimos apenas erros evidentes em orações como “Não há dúvida, que é a luta pela vida” Nos casos em que observamos divergência na pontuação entre as duas versões conhecidas, optamos por aquela que mais se aproxima do uso adequado da nor-

ma gramatical, atentando sempre para a possibilidade dos recursos estilísticos de uma escrita sempre rica e instigante. Editar um texto de Mário de Andrade é sempre um desafio.

Marcos Antonio de Moraes é organizador de *Mário e o pirotécnico aprendiz* [UFMG; IEB; Giordano, 1995] e *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira* [Edusp; IEB, 2000]. É membro da Equipe Mário de Andrade [IEB-USP] e doutorando em Literatura Brasileira na USP.

Teresa nº1
1º sem. 2000
pp. 48 a 71

